

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL E PROCESSOS
INCLUSIVOS**

**ESCREVENDO CAMINHOS:
UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA COMO CONSTRUÇÃO DE UM
PSICOPEDAGOGO-LEITOR**

DANIEL CARNEIRO CASTILHOS

Porto Alegre, outubro de 2009.

DANIEL CARNEIRO CASTILHOS

**ESCREVENDO CAMINHOS:
UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA COMO CONSTRUÇÃO DE UM
PSICOPEDAGOGO-LEITOR**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para conclusão do Curso de Especialização em Educação Especial e Processos Inclusivos.

Orientador(a):
Prof^ª. Dr^ª. Simone Moschen Rickes

PORTO ALEGRE
Outubro, 2009

“Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender”

Manguel (1997)

AGRADECIMENTO

A partir da escrita desta experiência de leitura, o leitor irá se aproximar da minha pessoa, bem como de uma “colega” que me acompanhou e fez parte desta história. Agradeço à psicopedagoga Daniela Comassetto Felix, por dividir comigo este momento fundamental para a nossa formação, bem como apoiar o resgate desta história.

Às professoras Simone Rickes e Ana Carolina Simoni, pelas muitas leituras e releituras de meus textos, e aos colegas de orientação pelo esforço e dedicação.

RESUMO

O presente trabalho aborda questões referentes ao fazer do profissional da Psicopedagogia e sua construção como leitor, tendo como objetivos evidenciar a função do leitor como algo a ser construído pela leitura; refletir acerca do lugar do leitor como produtor de sentido do texto e analisar o psicopedagogo como um leitor a ser construído. A pesquisa que originou este trabalho foi realizada em uma unidade de um Hospital Psiquiátrico, tendo como sujeito principal uma paciente que foi denominada de Dália durante a discussão. A escrita deste trabalho inicia com a contextualização do ambiente pesquisado bem como dos demais sujeitos que dele faziam parte, e com uma maior aproximação de quem veio a suscitar os questionamentos que originaram este estudo. Dália representa o ponto de partida para que se possa refletir acerca dos aspectos que estão relacionados à construção do terapeuta-psicopedagogo, evidenciando a importância do embasamento teórico e, não menos importante, do espaço buscado pelo sujeito psicopedagogo destinado a realizar uma leitura interna mais aprofundada para que este esteja melhor preparado para construir-se como leitor de diferentes textos.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura, Formação, Psicopedagogia e Educação Inclusiva.

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | PRÉVIAS DE UM TRABALHO, CAMINHO DE UM LEITOR | 7 |
| 2 | DÁLIA | 11 |
| 2.1 | RELATO DE UM ENCONTRO E O FAZER PSICOPEDAGÓGICO | 13 |
| 2.2 | FAZENDO/EXPERENCIANDO A PSICOPEDAGOGIA | 16 |
| 3 | A LEITURA COMO CONSTRUÇÃO DO LEITOR | 22 |
| 4 | NOVOS CAMINHOS: CONSIDERAÇÕES FINAIS | 29 |
| | REFERÊNCIAS | 32 |

1. PRÉVIAS DE UM TRABALHO, CAMINHO DE UM LEITOR

No livro intitulado “Cartas a um jovem terapeuta”, Calligaris (2004) apresenta uma série de cartas, as quais são relatos de dois jovens terapeutas, que descrevem seu início de carreira como psicoterapeutas. No primeiro capítulo, Calligaris fala sobre a vocação profissional, e conta sua experiência como psicoterapeuta em um instituto médico educacional, na França. O autor salienta uma situação vivenciada por ele, nessa época, na qual uma criança que atendia, subiu em seu colo e começou a comer seu rosto, dando-lhe chupadas largas, e assim descreveu: “eram chupadas largas, de boca aberta, nos olhos, no nariz, nas bochechas, num instante, minha cara estava coberta de uma saliva espessa que tinha o cheiro e gosto inconfundível de café com leite, ruim como só a instituição psiquiátrica consegue fazer.” (p.11). Calligaris descreve o episódio qualificando-o como uma situação avaliativa para ser terapeuta, afirmando: “isso deveria ter acontecido comigo muito tempo atrás, antes de começar minha formação, quando ainda daria para desistir. Por sorte, passei nesse teste tardio.” (p.11)

A exemplo de Calligaris, nessa escrita, também descreverei uma experiência que considero ter sido um momento de teste, pelo qual julgo ter passado, por ter aprendido a colocar-me em um lugar de escutar/ler. Em relação a este escutar/ler, Fernández (1991) salienta o decifrar de mensagens, de atitudes, de um silêncio, de um gesto. Este trabalho é um resgate de uma experiência que, apesar de ser concluída, reabre novos sentidos ao ser retomada.

No ano de 2003, quando estava cursando a graduação em Psicopedagogia, recebi um convite de uma colega para conhecer a internação psiquiátrica de um hospital. A partir do referido ano, a mobilização foi grande, pois era minha primeira experiência em uma instituição psiquiátrica. O que levou-nos à escolha da unidade para estágio foi a particularidade de que, esta unidade de internação, não possui já há algum tempo estagiários.

No início, foi complicado, pois as condições do hospital eram para quem suportava determinadas situações (há de se ter “estômago forte”): encontrar excrementos e urina pelo chão, era algo comum. A estrutura e o número de profissionais e atendentes eram considerados baixo, pois havia três enfermeiras para trinta pacientes e, não raramente, acontecia de uma delas não estar presente.

Para falar desta experiência é preciso trazer um pouco da escrita de pacientes que ali vivem. Umhas que chegaram ainda jovens (aos doze anos), outras, de cidades muito distantes, não

tendo mais contato com seus familiares desde sua chegada nesse ambiente. Para enriquecer e aproximar os leitores deste público trago um verso, que tenho guardado em uma pasta com escritos e demais materiais produzidos pelas pacientes da internação:

“Entrei na sala da ordem
Sai na secretaria
Peguei na perna da velha
Pensando que era da filha
Me desculpe minha senhora
Que era de noite eu não via
Perna de velha é cascuda
E perna de moça é macia.” (M. S)

M.S. era casada quando de sua internação e na época deste trabalho seus filhos a visitavam uma vez por mês. Sua vida eram os cafés com leite que tomava, seu cigarro, que era comprado com o dinheiro que recebia da sua aposentadoria e a “Pepsi”, que em algumas situações, pedia para que eu lhe trouxesse um “fardo” da bebida. No entanto, as histórias que tinha para contar eram inúmeras. Vejamos mais alguns de seus versos:

Esperava a tua visita
Com muita ansiedade
Julgava ter um amor
Mas era tudo falsidade.

Se eu hoje não recebi visita
O motivo eu sei decor
Trancada neste hospital
Tens por certo outra melhor.

Olhos verdes são traição
Olhos azuis são ciúmes
Olhos castanhos são os teus
Que não tem nenhum queixume.” (M.S)

O estágio de Psicopedagogia neste ambiente tinha o intuito de resgatar a aprendizagem, a convivência, mesmo que os assuntos não fizessem sentido. Sempre era oferecido algo a alguém, até mesmo um banho de sol, como eu e uma colega oferecíamos aos pacientes. Com frequência, nos surpreendíamos com os enigmas que ouvíamos entre as frases desconectadas, sempre surgia alguma suposta leitura que nos fazia dar sentido para ali estar.

As histórias que tenho desta experiência são muitas, em especial a de uma paciente que aqui será denominada Dália. Desta paciente tenho vários escritos guardados na mesma pasta onde guardo os versos de M.S., juntamente com os demais registros de outros pacientes. Hoje, ao

retomar aos “guardados” desta experiência, na minha pasta e nas minhas memórias, percebo como isso teve importância para minha formação e como essa vivência pode ser aproveitada para refletir e discutir aspectos da leitura de textos enigmáticos, bem como a construção de um leitor para os mesmos.

O trabalho será, portanto, uma (re)leitura das posições que tive frente a essa experiência, que resultaram na construção de um lugar de leitor, com a formação de psicopedagogo. Para Ramos (2007) a Psicopedagogia analisa os contextos de ensino formal, informal e não formal além dos fatores socioculturais que incidem sobre aprendizagem humana e sobre as alterações e dificuldades da pessoa que não aprende nas diversas fases do ciclo vital (p.61).

O presente estudo tem como objetivo analisar o ato da leitura como construção do leitor sob o ponto de vista dos escritos de um sujeito em específico. Buscando realizar a leitura como necessidade do leitor de descobrir os enigmas do texto do escritor. Escritor-autor dos enigmas lançados ao leitor, como um desafio a ser vivido.

A retomada desta experiência como psicopedagogo em um hospital psiquiátrico resgata o início de uma caminhada que direcionaria o meu fazer como profissional. Conforme Ramos (2007):

A Psicopedagogia não é uma intersecção entre as áreas psicológicas e pedagógica. É um novo conhecimento que nasce de outros campos, como o epistemológico genético, o psicanalítico, com suas diferentes escolas, o sociointeracionista, o lingüístico, o pedagógico, o neurológico e o psicológico (p.62).

Ou seja, ao caminhar pelos saberes que envolvem a Psicopedagogia encontrei no curso de Educação Especial e Processos Inclusivos um momento de refletir sobre esta experiência. Logo, como ocorrera a construção de um leitor, isto é, do psicopedagogo, para aquele novo texto que se apresentava.

A Psicopedagogia e a Educação Inclusiva permitem-me lançar um olhar diferenciado, um olhar de inquietude, de ignorância frente à realidade encontrada no ambiente da pesquisa. Apesar de estar falando de um trabalho institucional, é importante ressaltar que, para as análises e intervenções, foi e é necessário um olhar clínico. Clínico no sentido de que é necessária também uma escuta capaz de deslocar o sujeito de seu lugar. Para Parente (2000) “a psicopedagogia pode ser usada tanto em uma ação preventiva como em uma ação terapêutica, tanto na instituição (escola, hospital, etc.) quanto nos consultórios” (p.31). Para a autora, o que define uma e outra não é o lugar em que essa ação ocorre, mas as características do fenômeno.

Para tanto, serão explorados a leitura como necessidade de compreensão, bem como o trabalho de criação do leitor sendo este o envolvimento do leitor com o escrito, e a leitura como uma forma de uma nova escritura.

Sendo assim, minha proposta é de uma reflexão acerca da leitura como construção de um leitor sendo este o psicopedagogo, e do uso da escrita como uma forma de expressão e de comunicação para um sujeito.

A introdução destas idéias deve-se ao fato de que o sujeito desta investigação possui particularidades em sua história que fazem com que sua escrita se torne um enigma para o leitor, uma vez que, não segue as leis que caracterizam uma escrita legível e interpretável. Trata-se de um sujeito com o diagnóstico de psicose e aspectos referentes à sua história de vida serão contemplados ao longo da discussão.

O tema dá conta da leitura de textos enigmáticos de um sujeito que se encontra institucionalizado e possui uma escrita que evidencia a confusão de seu pensamento. Pensamento este que, em função da psicose, apresenta-se de forma conturbada, não distinguindo o real da fantasia. Devido a isso, os textos produzidos por este sujeito não são legitimados em função de seu conteúdo somente ter significado na medida em que a produção encontre um leitor possível de exercer essa função. Para tanto, é necessário que a produção seja contextualizada e analisada, a fim de que se possa supor algo com a leitura, suposição do leitor de que há no texto uma mensagem do autor.

A partir das reflexões realizadas em relação ao tema aqui proposto, apresento o seguinte problema de pesquisa:

Quais as relações entre o ato de ler e a Psicopedagogia e que reflexões podem ser feitas acerca do fazer do psicopedagogo como um leitor a ser construído?

As questões que norteiam o estudo são as seguintes:

- I. Qual a importância do enigma de um texto para um leitor?
- II. De que forma o envolvimento por parte do leitor pode ser evidenciado na leitura?
- III. Que relações existem entre a posição de leitor e o fazer da psicopedagogia?

E tem como objetivos específicos:

- a. Evidenciar a função do leitor, como algo a ser construído pela leitura;
- b. Refletir acerca do lugar do leitor como produtor de sentido do texto;
- c. Analisar o psicopedagogo como um leitor a ser construído.

2 DÁLIA...

Nome de flor, isto porque esta paciente ficou muito tempo responsável por algumas flores que enfeitavam a sala central da unidade. Mas, antes de falar dos seus escritos, quero contar o que, na época, sabiam de sua vida. Dália tem mais de cinquenta anos e possui o diagnóstico de esquizofrenia paranóide, conforme o seu prontuário. Está na internação desde o início de sua vida adulta, quando foi transferida de outra instituição. As referências que tive de Dália, num primeiro momento, não foram muito positivas, pois, devido à sua doença, como dizem os registros médicos, apresentava um retraimento social, perda de identidade e agressividade em relação às outras pacientes. Foi num resgate desta história que tive a minha primeira aproximação com ela. Durante este período, eu e minha colega fomos ao encontro da realidade desta paciente. Sem saber muito de patologias e diagnósticos, estabelecíamos certa comunicação, a qual se percebia no olhar, onde dávamos lugar a seu sentimento, pois nós presenciávamos a sua existência.

Os escritos de Dália serão apresentados ao longo deste capítulo, abrindo parêntese para a leitura do leitor.

“[...] as crianças quando vão a aula ou a escola chamamos de alunos, os meus alunos eram estudiosos faziam redação, faziam cálculos, números romanos e arábicos; nós fazemos exercícios oral porque o papel não tinha condições de escrever no livro mas eles passavam pro caderno depois de ensinar oral as respostas. As crianças dessas mães estão no fogo por causa delas e mal eram muitas pessoas e fizeram sofrer a Dália tirando a comida das mas que elas tim comia no quarto Deus não as perdoa e as colocou no fogo porque elas faziam de propósito para a Professora sofrer. Um dia chegou uma criança da rua e eu estava tomando café e ela disse me da aqui o que tu comeu. Por malandro me tirou a comida que eu tinha comida. Ele tinha tomado café o pai dele no bar. E veio aqui incomodar eu não gosto de crianças porque elas também não gostam de mim. Por isso escrevo temas eu dou para as professoras eu sou estudante elas professoras”

Dália precisava sempre de muitas folhas, uma vez que escrevia sem parar. A intensidade de sua escrita parecia-me uma forma de se fazer escutar. Supondo que seria importante dividir esta escuta me propus a aprender a ler seus textos, não tomando a sua escrita apenas como um delírio, ou o registro de uma de suas alucinações. Segundo Jaspers in Brum (2002) o delírio é conceituado como erro de julgamento em relação ao que seja a realidade (p.120).

Embora os textos de Dália demonstrem estas alterações no conteúdo do que seja a realidade, não está sendo, aqui, analisado seguindo a perspectiva de uma produção delirante. Seus

registros estão sendo lidos como uma forma de narrar sua própria vida. Foi necessário que se desse lugar a sua escrita, como qualquer escritor que escreve para si e para os outros.

Em muitos de seus escritos Dália remete-se à reza como algo importante em sua vida, a qual o faz para as pessoas que quer bem, logo, o contrário o sentimento de rancor e ódio é associado ao fogo e ao inferno.

“[...] não venham mi por filhos de bunda de omem e de mulher homem os hmemes e ne os filhos delas no colo nem de mulher com leite na bunda pra fazer filhos em nos por que nos vamos matar malditas crianças por nada não tão no fogo do inferno não vou rezar pra eles.”

A reza e o fogo vão aparecer em outros escritos, com um sentido e uma imagem atribuída a alguém que tem lugar que ela reconhece. No escrito que Dália escreve para mim, menciona-me como um personagem em sua vida, onde ela diz:

“ Partenon 16 de outubro de 2003

Redação

Daniel é o santo que nos defende do fogo. Ele foi colocado numa fomalha de fogo. Mas o fogo não o queimou.

Depois outros bandidos o colocou no meio dos leões. Os leões não fizeram nada também ao Daniel.

Por isso reza-se ao santo que nos defende dos bichos e do fogo”.

O primeiro escrito de Dália apresentado neste trabalho foi escrito em abril de 2003, e o seguinte em outubro. Portanto, gostaria de dizer que estes escritos, apesar de difícil compreensão, me chamam a atenção pelo estranhamento que desperta no leitor. A leitura seria como um novelo de lã emaranhado, que necessita ser desemaranhado pelo leitor, isto é, os nós, que neste novelo vão se construir, na medida em que se puxa para si a ponta encontrada no início. Portanto, ler é fazer esse ato de puxar para si, o que o escritor oferece no seu texto.

Ao longo dos demais capítulos, o leitor poderá acompanhar o relato do trabalho que desenvolvi junto à internação psiquiátrica, com a paciente Dália. Enfim, a minha construção de leitor e os desdobramento para minha formação de psicopedagogo. Portanto, esta “escrita louca”, permeará todo o trabalho, com o intuito de incluir uma escrita não legitimada.

2.1 RELATO DE UM ENCONTRO E O FAZER PSICOPEDAGÓGICO

O relato do encontro com Dália é a retomada de uma experiência, que se caracteriza por uma comunicação desconectada da realidade, em que se fez necessário ampliar a capacidade de escutar, ou seja, de dar lugar para aquilo que está sendo dito. Por sua vez, o fazer psicopedagógico será descrito com o intuito de aproximar o leitor deste trabalho com a construção de um leitor.

Antes de iniciar o trabalho na internação, e relatar o encontro com Dália, é preciso contar como a instituição preparava seus estagiários. A primeira orientação que recebi dos profissionais, responsáveis pelos estágios junto às unidades da internação foi: “recomendo que consigam manter-se sem as leituras dos prontuários, em um primeiro momento”. Dizia o psicólogo responsável pelo estágio.

Tenho por característica seguir atentamente o que é pedido e foi o que fiz. Outras orientações eram importantes, também, tais como: filtrar o que as técnicas em enfermagem contavam sobre os pacientes. Essas recomendações e orientações me ajudaram a me preparar para o que viria: senhoras com problemas psiquiátricos, das quais eu não sabia distinguir os diferentes quadros clínicos e, muito menos, como proceder em cada diagnóstico descrito nos prontuários. Portanto, foi nesta posição de não saber sobre as patologias, que tive meu primeiro encontro com Dália.

Recordo-me que a chegada na unidade gerou certo nível de ansiedade, de alguém que chega em um “novo país”, inclusive com uma “nova língua”, na qual não se tem domínio. Neste primeiro dia, a sala dos enfermeiros, onde deveríamos nos apresentar, estava vazia - relembro que estava acompanhado por mais uma colega, fato que me ajudara a desbravar aquele novo lugar. Logo comecei a procurar os responsáveis pela unidade em outras salas, até que cheguei na rouparia. Lá estava uma senhora, com aproximadamente 1,75 de altura, cabelos claros, olhos azuis e um porte físico masculino, e então eu disse:

- Bom dia?
- Ai, credo. – sussurrou Dália.
- Você trabalha aqui? – perguntei.

E ela respondeu, enquanto dobrava as roupas:

- Sim, elas me usam... eu cuido das roupas dos bebês, tem muitos bebês aqui...

E assim Dália foi falando do que fazia, e das “gentes¹” que ali estavam, então continuava me contando:

- Não sei se é Deus, não sei se é Jesus, que me coloca as roupas, eu acho que é Deus sim...

E, assim, começou meu contato com a Dália, e o estágio propriamente dito.

Enquanto isso minha colega tratou de explorar os espaços da unidade, indo aos quartos, e à sala central, onde muitas pacientes passavam o dia inteiro. As auxiliares de enfermagem as tiravam da cama para o café da manhã e ali as deixavam, no que posso chamar de só/acompanhada até retornarem para dormir. Após trintas minutos, minha colega encontrou a responsável pela unidade e foram até a rouparia. Fui então apresentado a responsável pela unidade que me reapresentou Dália dizendo:

- Ah, tu já conhece a Dália?

Eu respondi:

- Ela estava me contando algumas coisas...
- E ela não te mandou longe? – Perguntou a responsável.
- Não. – Respondi.

Então Dália sai, dizendo:

- Ai, credo! Titio polícia.

Enfim, o contato com a Dália e com os demais pacientes ocorria assim quando aos poucos eu me aproximava para conhecer sua rotina. A partir destes encontros comecei a montar um plano de trabalho psicopedagógico a fim de resgatar as suas aprendizagens e, concomitantemente, suas histórias de vida, e assim sendo, me construir como leitor dos textos de Dália. Para Dália, esse trabalho resgatava um tempo que me parecia ter parado, marcado por sua chegada e pelo rompimento com a sua família. Um dia pedi a Dália que desenhasse uma pessoa aprendendo. Meu interesse era entender a sua relação com aprendizagem e saber um pouco mais de sua leitura do mundo que a rodeia. Logo desenhou um professor que ensinava matemática para a aluna. Concluído o desenho, pedi que escrevesse uma história sobre o que tinha feito:

“ A Professora e a Aluna

O professor está ensinando a aluna a matemática. A aluna é a Dália que sou eu. Eu gosto muito da matemática do professor. O professor escreva no quadro ensinando a aluna. O quadro estamos sem quadro verde o professor ensinou a lição de muitas continhas que eu não sabia escrever a

ensinar. O professor ensina matemática e todas as outras matérias. O professor e seu nome é Daniel.”

A partir deste escrito, duas questões emergiram: primeiro, de que eu a ensinava matemática e outras matérias, sendo assim seu professor. E segundo, será que em algum momento haveria um quadro verde onde Dália pudesse escrever? No entanto, ficamos sem a resposta para tal indagação. Logo, a questão do quadro foi resgatada e este fora muito importante, pois armariamos um espaço para possibilitar a criação com um quadro verde, o qual facilitaria o escrever e o apagar, criar e recriar. Este momento será posteriormente retomado. Existem situações que o antecederam e que veremos neste escrito de Dália:

“Por que os estagiários tem que ficar Na Unidade

Eles tem que ficar na unidade para em ensinar a escrever e ajudar as enfermeiras, a pintar unhas dos pacientes, corrigir os temas dos alunos, enfeitam a Unidade na festa de páscoa e das festas junina

Eles fazem esse tipo de trabalho para poder receber nota e o diploma para trabalhar. Uma escola ou colégio os estagiários devem permanecer na unidade por que nos dão temas e também aprovar os alunos. Eles nos ensinam cada um temas novos. Para ajudar nas festas de aniversário. Eles fazem trabalhos de familiarização.”

Embora este escrito de Dália refira-se a alguns feitos, houve todo um caminho que deve ser retomado. Sendo possível através da escuta da fala dos profissionais que acompanhavam, diariamente, a internação. O que os profissionais retomam é como Dália chegou, e narram que isto aconteceu, porque sua antiga internação pegara fogo. Os pacientes dessa instituição foram, então, remanejados para outras internações. Dália tomou-se a paciente problema, pois era, segundo os funcionários, a que mais atuava, e dava mais trabalho, devido a sua patologia. As falas sobre ela se centravam nas agressões que cometia às outras pacientes, que não se defendiam, isto porque, em sua grande maioria, eram deficientes mentais. Muitas eram cadeirantes e usavam fraldas, devido a isso Dália as denominava de “bebês”.

Por estes motivos, Dália era a única paciente que não dividia o quarto, e as demais pacientes, com quadros mais leves e lúcidas, sentiam medo do seu comportamento, que era acrescido do histórico de Dália, e do fato de ter vindo de uma internação de pacientes crônicos.

Um dado que não é comum e que chamou a minha atenção é que Dália sabia ler e escrever. O que era dito sobre sua história era que, inclusive, lecionava, morava com sua mãe,

tinha um número grande de irmãos e detinha bons recursos financeiros. No escrito a seguir, Dália rememora o lugar que sua mãe tem em sua vida, inclusive o que a distanciou da mesma:

“A Maria nos a chamamos de mãe de todo mundo ela e nossa mãe porque ela esta sempre ao nosso lado e o seu filho também eu estou longe as minha mãe porque eu tinha que estudar e trabalhar as minhas mães são aquelas que mi ajudam a professora é nossa segunda mãe juntos com as mães que nos cuidam e nos dão comida. A minha mãe quis que eu estudas-se a minha mãe era e é muito religioza. E ela nos ensinava a rezar, nos rezamos o rosario da virgem Maria Ela nos ensina a sermos obedientes ao dos nos professores.”

Portanto, o que foi apresentado até o presente momento, é oriundo da fala dos profissionais, acrescido de escritos de Dália.

2.2 FAZENDO/EXPERENCIANDO A PSICOPEDAGOGIA

O trabalho com a internação se ancorou nos saberes que constituem a Psicopedagogia, uma vez que, se supõe vida, supõe-se aprendizagem, isto é, acredita-se na possibilidade de uma nova produção de conhecimento. Nesse capítulo, retomo, pois, o trabalho psicopedagógico e a construção de leitor dos textos de Dália.

Dália, ao longo do referido trabalho, vai construindo o lugar para escrever, por meio da leitura de jornais, da escrita de cartas, da realização de temas. Tendo como efeito a possibilidade de sair da internação, para comprar cadernos, lápis e borracha. Esta é a nova etapa a ser descrita, relatando o que vivenciei com Dália, e trazendo a leitura das escritas que registra estes momentos.

Como já ressaltai, o primeiro mês de trabalho estive implicado em acompanhar a rotina da instituição, nesse momento, ajudei os auxiliares a servir o café com pão, ou buscar um calçado para uma paciente que estava descalça, supondo que estivesse com frio, e contradizendo a fala dos auxiliares que loucos não sentem frio. Esta etapa, que consistiu numa imersão no funcionamento daquele lugar, é o que a própria instituição chamou de familiarização. Este período nos aproximou das pacientes, pois detínhamos os seus alimentos, foi assim que pude aproximar-me de Dália, de forma mais fácil e com maior frequência.

Após esse primeiro momento de familiarização e contato com as pacientes, pedimos à coordenação para enfeitarmos a unidade com o tema da páscoa, pois achávamos que para

algumas pacientes seria importante este momento de socialização, pois isso criaria um ambiente agradável e amistoso, aberto à interação.

O hospital cedeu um espaço para que colocássemos essa ideia em prática e, lá, procuramos disponibilizar diversos materiais artísticos, como: cartolina, papel machê, recorte de revistas, lápis de cor, giz de cera, cola, tesoura, com o objetivo de fazer desse espaço, um espaço de criação. Fez-se um convite a quem quisesse ajudar. Sempre tínhamos alguma paciente curiosa, que vinha pedir um cigarro ou um presente, ou iniciar uma conversa. Esses momentos serviam para fazermos um convite a quem se aproximava. E nesta situação, sempre contávamos com Margarida, uma paciente que passava toda manhã deitada em um banco de madeira, em frente à sala onde acontecia a montagem dos enfeites de páscoa. Margarida tratava de espalhar às demais o que ali acontecia, e logo foi uma das primeiras a participar na pintura dos coelhos que colocaríamos junto ao mural da unidade. Esta paciente portava consigo muitas bolsas, como se carregasse ali tudo o que a caracterizava enquanto sujeito; dentro de uma delas, tratou de guardar um pedaço daquele espaço: um coelho pintado por ela. A primeira frase dita por essa paciente, antes de começar a pintar, foi: “eu não sei pintar”, a partir destas situações ficamos com indagações, que levaria à construção e nomeação da sala que estávamos usando de: *sala de criatividade*, pois recursos simples, como lápis e papel, forneciam outra forma de nos aproximarmos da realidade daquelas pessoas, que ao chegarem ali, apenas deveriam fazer o que desejassem. Para mim, esta mesma sala, seria sala de leitura, uma vez que, através destes recursos pedagógicos iria me construir como leitor.

Aos poucos, fomos convidando as pacientes que sempre circulavam pela sala, para produzir o que desejassem, ou colaborar com os enfeites de páscoa. Embora tivéssemos criado uma sala que nos dava certo limite físico, essa nos possibilitava ir além do que se planejava. Logo o mês de abril passou, e a experiência de fazer a festa de páscoa teve um bom resultado e, assim, se iniciava um novo trabalho.

A sala de criatividade foi devidamente autorizada pela coordenação da internação, que discutira com os demais segmentos do hospital, assinando a permissão para tal feito. O espaço proposto para criação alcançava aqueles pacientes que por ali circulavam. Porém, sabíamos que havia pacientes que necessitariam de outras formas para desfrutarem dos recursos disponibilizados dentro da sala de criatividade e, assim, nossa pequena equipe formada por duas pessoas, dividia-se em: um que se responsabilizava pela sala, recebendo quem chegasse, e o

outro, que iria aos quartos das pacientes. Essa nova etapa de trabalho nos aproximou daqueles cujo corpo não permitia que chegassem até a sala, e de outros para quem estar acompanhado é para ser aprendido .

O trabalho fora da sala de criatividade permitia-nos propor a criação a partir do próprio sujeito e na esfera que este sujeito suportaria trabalhar, como no caso da Dália, para quem o papel e o lápis lhes foram ofertados em seu quarto. Dália relembra e reconta sua imagem e sua juventude:

“eu era com cabelos louros quando era mocinha. Eu ia levar café na roça, ajudava quando chovia ia buscar batatas mandioca na roça quando era piquena. Lavava as batatas e mandioca, descascava batata e mandioca. Iia ao comercio comprar café, batatinhas, sabão e outras coizas.”

Enfim, a leitura dos textos de Dália exigia certo esforço para ter deles a minha compreensão, logo, a leitura tornou-se um enigma, a ser descoberto.

Após certo tempo de visitas ao seu quarto tanto da minha pessoa, quanto de minha colega, a produção de Dália passou a me chamar a atenção. a leitura dos textos de Dália exigia certo esforço para ter deles a minha compreensão, logo, a leitura tornou-se um enigma, a ser descoberto. Quando chegava na internação, passava em todos os quartos para dar bom dia à cada paciente, para depois escolher com quem iria trabalhar. Em algumas situações, em que fazia esta primeira visita, já pedia à Dália que escrevesse algo, para que eu lesse posteriormente, pois optaria trabalhar com outra pessoa. Em muitas situações, Dália me trazia os textos ou na sala de criatividade, ou nos quartos de outras pacientes, me apontando alguns movimentos que seriam possíveis. Ou seja, sair do quarto, falar com alguma colega de internação, ir tomar café na mesa, junto com as demais, ou me auxiliar na sala de criatividade, movimentos que se associavam a encontrar seu leitor.

Entretanto, durante dois meses, toda a produção escrita, realizada por Dália, foi feita em seu quarto. Mas, ao poucos, mudanças iam acontecendo: Dália passou a escrever sem que houvesse um pedido, ou uma proposta. Ou, quando eu propiciava uma produção compartilhada, escrevia uma parte e ela continuava. E houve dias que ao chegar em seu quarto, a encontrava já com uma pilha de escritos. Então eu pegava uma cadeira, sentava e pedia que me lesse ou seus textos, havia dias que eu a ouvia a manhã inteira.

Enfim, o trabalho com Dália sempre esteve relacionado com as letras, ou um jornal que com ela ficava e que servira como fonte de produção, ou motivo para conversarmos entre um dia

e outro, no qual fazíamos um resgate do tempo, data e hora, e o que acontece fora daqueles muros, isto é, uma nova contagem para o tempo.

Algo que ainda não mencionei, e é importante destacar foi como Dália começou a participar da sala de criatividade. Isso ocorreu, porque minha colega de estágio pediu-lhe que fosse até a sala de criatividade apagar o quadro verde, que havíamos recuperado e colocado na sala. Logo, Dália acompanhada desta colega reencontrou um quadro verde e colocou a seguinte data: “Partenon dia 15 de março de 1967.”, como se estivesse dando um ponto de partida de seu tempo.

Para Dália estar junto com outras pessoas na sala de criatividade, durante algum tempo, foi um processo que começou com o colocar a data no quadro dos dias em que estávamos desenvolvendo alguma atividade. Em outros dias, Dália era a primeira a chegar, colocava a data no quadro e ficava conversando comigo e com as duas colegas. No entanto, à medida que outras pacientes iam chegando, ela as olhava como se fosse para elas não estarem ali, mudava o tom de voz, pois não queria que elas escutassem o que estava dizendo e, quando se tornava insuportável, saía e retornava para o quarto.

Percebíamos o movimento de Dália em participar da sala de criatividade, bem como de outras pacientes, que nos pediam que as tirássemos de suas camas, para poderem estar naquele espaço, junto às outras. Em especial, trago a história de uma paciente que ficava o dia em sua cama, próxima à janela, observando o movimento nas demais unidades, que podia avistar. Devido a este lugar, que lhe era especial, a janela, chamarei esta paciente de Violeta, pequena flor que em minha casa estão sempre do lado de dentro, junto às janelas. Violeta, todas às vezes que me via, chamava-me de Leandro. Leandro um estagiário de educação física, que em algumas situações, a tirava da cama e a levava para dar um passeio pelos quintais do hospital. Essa informação levou minha colega a pensar que, talvez um banho de sol fosse uma maneira de proporcionar a socialização daquelas pessoas. Assim, isso se tornou rotina nos dias ensolarados. Enfrentávamos alguns problemas, como a falta de cadeiras apropriadas para as pacientes, sempre conseguíamos entorno de quatro a cinco, mas isso não foi impedimento. Nesses momentos, fazíamos rodada de histórias, de cantigas e algumas pacientes recitavam poesia:

Canta, canta sabiá
 Cala boca, bem-te-vi
 Não faz eu me alembiar,
 Do amor que eu já perdi.
 (P.F)

Dália sempre se aproximava da visita compartilhada que fazíamos sob o sol e junto ficava o tempo que suportava. Um dia escreveu sobre o sol algo interessante: que as cores que enxergamos somente são vistas, porque há um certo nível de luz que consegue reproduzir a cor e sua tonalidade. Para Dália:

o sol

Nos da cor que ceremos amarelos azul branco, preto. So pedir pro SOS com seus raios de varias cores temos que pedir ao sol que conserve a nossa cor”.

Violeta sempre participava da sala de criatividade, e se propusera a ir além, pois tinha condições e vastas aprendizagens, concomitantemente começou a produzir e criar, por outros meios sem ser o da via do lápis e do papel. Portanto, minha colega descobrira muitas habilidades em Violeta como: fazer tricô, bordar, coisas que apenas as avós de gerações anteriores sabem fazer. Esta mesma colega convidou a sua avó para retomar o trabalho com Violeta, a proposta era que sua avó ensinasse a ela e as demais pacientes. A partir de Violeta outras pacientes se juntaram ao bordado e ao tricô. Dália, durante um período, aproximou-se deste trabalho, pois também sabia usar as agulhas, mas acabou desistindo. Embora Dália tenha tido pouco contato com a professora de bordado, lhe escreveu votos de aniversário:

É com muita satisfação que a unidade presta seus votos de aniversario para professora que ensina.
(Dália)

No mês de junho, tivemos a festa junina, e o grupo de pacientes que participavam da organização tinha crescido, e seus trabalhos, como desenhos, serviram para ilustrar que, quem ali estava, estava viva!

Dália, motivada pela festa junina, escrevera sobre este mês:

O mês de junho comemora-se o dia dos namorados o dia de santo Antonio, o dia de são João, são Pedro e são Paulo e 21 de junho o dia de são Luiz.

Além dos muitos textos, outras atividades envolviam tanto Dália e as demais pacientes, como o exercício do cuidar das flores que enfeitavam a unidade, e para retomar este novo hábito de Dália, recebeu esse codinome, pelo fato de que se ocupava de regar as flores. Sobre essas escreveu:

“as flores nos dão perfume e são presentes em todas as ocasiões. Deus nos deu as flores para como se fossem rezas.”

Pensando, após todo este tempo, a sala de criatividade tratava de alcançar a ferramenta para criação, e a partir desta permitir que do encontro para produção de algo seja um encontro de produção de si.

Enfim, após alguns meses acompanhando esta internação, e promovendo novos lugares para alguns sujeitos, e em especial para Dália, vejo que efeitos deste trabalho repercutem nas relações entre as pacientes. Além disso, algumas pequenas mudanças, oriundas de espaços de criação, exemplo: o lugar da escrita para Dália, mobilizando sua saída após algumas décadas para comprar cadernos e lápis novos, como se estivesse nutrindo-se, expressam as alterações profundas causadas nesses sujeitos.

Portanto, o trabalho de Psicopedagogia, teve como eixo central a sala de criatividade, como um espaço transicional para os pacientes. Na medida que a criatividade operava, possibilitava um interjogo das marcas do passado, com aspectos da realidade. Foram situações que desenvolveram minha capacidade de ler/escutar, de diferentes maneiras, uma vez que ler os escritos de Dália seria aprender a escutá-la.

Para finalizar essa etapa quero deixar algumas reflexões que este trabalho vem me apontando, os textos de Dália são difíceis de serem lidos, embora corra com muita fluidez. Porém o que gostaria de destacar é que ao mesmo tempo, que ocorriam as produções como neste caso, os escritos de Dália, se construía um lugar de um leitor com funções bem particulares. Logo, a construção deste leitor e de psicopedagogo se deu para aquele texto, para aquele escritor, ou seja precisou ser construído, ser aprendido. Portanto, a leitura como enigma, e envolvimento e construção por parte do leitor de dar vida às letras escritas. A leitura como corte e quebra do texto e a posição do leitor de entrar e sair do texto, modificando-o e reescrevendo, isto é a leitura como uma nova escrita, este é o tema do próximo capítulo.

3. A LEITURA COMO CONSTRUÇÃO DO LEITOR

Para contemplar a idéia da leitura me apoiarei no livro: *Uma História da Leitura*, de Manguel (1997), do qual trago a seguinte passagem do capítulo chamado: “Leitura das Sombras”, no qual, o autor descreve uma situação, onde encontra um dos exemplos mais antigos de escrita que conhecemos. Ainda Manguel (1997) nos conta que, em 1984, duas pequenas placas de argila de formato retangular foram encontradas em Tell Brak, Síria, datando do quarto milênio antes de Cristo. Estavam na vitrine do Museu Arqueológico de Bagdá. Nestas placas podia se observar marcas que delineavam figuras de animais, segundo os arqueólogos, que representavam o número dez. Segundo o autor “ toda a nossa história começa com essas duas modestas placas” (p.41).

Para Manguel (1997) existe algo que lhe fora intensamente comovente nessas placas “essas peças de argila levadas por um rio que não existe mais, observando as incisões delicadas que retratam animais transformados em pó há milhares de anos, talvez uma voz evocada, um pensamento, uma mensagem que nos diz: “aqui estiveram dez cabras.”(p.41). E conclui dizendo que, o fato de olhar essas placas, prolonga a memória dos primórdios de nosso tempo, isto é, preserva-se um pensamento muito tempo depois que o pensador parou de pensar, e nos tornamos participantes de um ato de criação, nessa situação. Pode-se tomar como exemplo a leitura realizada pelo ancestral sumério dessas duas pequenas placas, e a de Manguel quando, em sua sala, após séculos, pode exercer o mesmo ato.

Encontrar nas pedras de argilas uma escrita, como relata Manguel (1997), mesmo que seja uma das primeiras escritas dos sumérios em pedras de barros, demonstra a tentativa destes de transmitir sua mensagem. A anotação mais antiga que se pode denominar escrita foi inventada pelos sumerianos no quarto milênio antes de Cristo. A anotação em forma de cunha (cuneiforme) deriva em última instância de ideogramas, logo se tornou um sistema de caracteres convencionais, cada um tendo um valor fonético (som) distinto. Foi somente na antiga Mesopotâmia que, por volta de 4000 a.C, os sumérios desenvolveram a escrita cuneiforme. Usavam placas de barro, onde cunhavam esta escrita.

A escrita cuneiforme encontrada nas placas de argila, neste caso imagens de animais representando números, foram encontradas por pesquisadores. Portanto, houve por parte dos pesquisadores, os arqueólogos, uma suposição de que existia uma mensagem gravada na argila,

isto é, um enigma. Enigma que seria resolvido na medida em que se encontrasse na leitura um sentido, uma forma de interpretar a mensagem.

O trabalho realizado por esses arqueólogos tem estreita ligação com aquele que realizei com Dália. Tomemos a situação das placas descrita por Manguel (1997): a partir do encontro desse material, eles remarcam a forma de vida daquela época, podendo assim caracterizar aquele tempo vivido por meio da escrita. No meu caso, a partir dos escritos de Dália, faço o mesmo caminho. A Psicopedagogia e os pesquisadores tem em comum algo, que sustenta ambos fazeres. Algo que passa pela idéia de curiosidade e compreensão de um fato ou por explicações de fenômenos. Enfim, ambas as profissões retratam a necessidade de saber, de encontrar explicações para o que vêem. Enquanto psicopedagogo a necessidade de saber esteve relacionada aos textos de Dália e à construção enquanto leitor para os textos da mesma, teve em sua base a produção e posição de ignorante frente à leitura.

Podemos encontrar na leitura uma forma para compreender aquilo que o texto de quem escreve retrata. Portanto, a leitura trata de uma experiência no qual o leitor se coloca em relação ao texto. Para Manguel (1997) “todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender” (p.20). Fazer da leitura, a decodificação de enigmas tem em sua base a própria necessidade humana de descobrir, ou de se perder e se achar para entender os enigmas lançado pelo autor do texto. Para Serafini (2006) “a leitura faz parte dessa necessidade humana de compreensão, de descobrir os enigmas da existência (p.41). A autora comenta que uma sociedade pode existir sem escrever, mas nenhuma sem ler, e que ler vem antes de escrever “uma vez que esse mundo como um texto prévio, anterior ao leitor, só se constitui enquanto texto no momento em que é lido” (p.41).

O trabalho no hospital psiquiátrico oportunizou-me a aproximação com um texto novo, que precisaria aprender a ser lido. Esta leitura pode ancorar-se não apenas nas lembranças que tenho desta experiência com Dália, mas também na releitura que fiz dos textos produzidos por ela, processo semelhante ao que ocorreu com as placas de argila, onde, após muito tempo, ao serem relidas, num outro contexto, um dado novo foi encontrado e uma nova leitura foi realizada.

A questão da leitura para Serafini (2006) é colocada como sendo “esse modo de ler, para saber quem somos e onde estamos, lembra-nos a função da bússola, que nos orienta, nos direciona durante uma trajetória” (p.41). Em Dália, enquanto buscava tentar compreender a forma como percebia o mundo e com o que se ocupava, deparei-me com sua necessidade de escrever e

por meio de seus escritos pude acessar alguns aspectos com os quais eu pudesse partir e pensar sobre o lugar e a representação que o espaço no qual vivia ocupava. O conteúdo de seus textos permitiu-me pensar sobre a sua relação com as palavras e com a realidade, por meio da relação que estabelecia com estas. Enfim, segundo a autora, a leitura faz parte dessa necessidade humana de compreensão, de descobrir os enigmas da existência; bem como de fornecer subsídios para que possamos melhor compreender àquele que escreve.

A retomada desta experiência, a qual possibilitou a produção do presente trabalho, surge como um momento de reflexão, uma vez que, aquele espaço institucional bem como as pessoas que fazem parte deste, foram tomados como um texto a ser decifrado. O fato de me interessar por este texto enigmático resultou no exercício desta leitura como um caminho a ser percorrido para construir-me como leitor.

Manguel (1997) descreve como percebe aspectos exteriores e interiores quando executa uma leitura:

[...] sentado à minha escrivaninha, cotovelos sobre a página, queixo nas mãos, abstraído por um momento da mudança de luz lá fora e dos sons que se elevam da rua, estou vendo, ouvindo, seguindo (mas essas palavras não fazem justiça ao que está acontecendo dentro de mim) uma história, uma descrição um argumento. Nada se move, exceto meus olhos e a mão que vira ocasionalmente a página, e contudo algo não exatamente definido pela palavra texto desdobra-se, progride, cresce e deita raízes enquanto leio. Mas como acontece esse processo?(p.41)

Para o autor, a leitura começa pelos olhos, e sobre este, o autor retoma o que escreveu Cícero: “o mais agudo dos nossos sentidos é a visão” (p.42). Para Santo Agostinho os olhos eram como o ponto de entrada do mundo e, para Tomás de Aquino, a visão era entendida como o maior dos sentidos pelo qual adquirimos conhecimento. Contudo, Manguel complementa que é fácil compreender que as letras são apreendidas pela visão. Porém, questiona o que acontece dentro do leitor quando se defronta com um texto, e de que forma aquilo que é visto pelos olhos chega ao nosso laboratório interno e como as letras se tornam legíveis. Portanto, o que seria o ato de ler? Para esta questão Manguel resgata a fala do Dr. Merlin C. Wittrock, na década de 1980, sobre a compreensão de um texto, e nos diz que: “ nós não apenas o lemos, no sentido estrito da palavra: nós construímos um significado para ele” (p.54). Manguel conclui afirmando:

Nesse processo complexo, os leitores cuidam do texto. Criam imagens e transformações verbais para representar seu significado. E o que é mais impressionante: eles geram significado à medida que lêem, construindo relações entre seu conhecimento, sua memória da experiência, e as frases, parágrafos e trechos escritos. Ler, então, não é um processo automático de capturar um texto como um papel fotossensível capturar a luz,

mas um processo de reconstrução desconcertante, labiríntico, comum e, contudo, pessoal (p.54).

Ao ler, reescrevemos um texto, uma vez que a este atribuímos um sentido, indo ao encontro com a criação do leitor de envolver-se com o texto, de dar sentidos para o mesmo. Dar sentido a um texto pode ser visto ao longo da história da leitura, desde o período em que as pessoas reuniam-se para ouvir a interpretação e a dramatização do leitor, chegando à prática da leitura silenciosa. Portanto, a relação do leitor com o texto passou a ser muito singular. Logo, o leitor precisa se aproximar a fim de se apropriar do texto, independentemente da platéia, uma vez que não há outro para dividir a leitura. Para Birman (1995) “esta é a figura moderna do leitor, que lê o texto a sua maneira, com os olhos, ouvidos e entranhas” (p.16). Serafini (2006) diz que o leitor irá imprimir sua presença no texto, partindo o escrito, fazendo lacunas enfim, reescrevendo. Logo, minha presença caracterizou-se como uma busca por dar sentido às palavras encontradas e que, aparentemente, pareciam não possuir uma relação lógica entre si. Enfim, encontrar esta lógica perpassa por meu desejo de compreender este texto bem como aspectos referentes a vida da autora do mesmo.

Ainda Serafini (2006) coloca que o envolvimento do leitor com o texto deverá levar em conta a lentidão da leitura, a delicadeza da mesma, considerando as palavras escritas como uma força que nos leva além de nós mesmos. Logo, o leitor lerá com a subjetividade, com o seu próprio repertório textual que lhe permitirá produzir sentidos e interpretações. Para Proust, o leitor era, um leitor de si, e a obra lida serviria de lente para que lesse a si mesmo. Assim, o autor fala sobre a função de uma obra como sendo um: “instrumento óptico oferecido ao leitor a fim de lhe ser possível discernir o que, sem ela, não teria certamente visto em si mesmo” (*apud* SCHNEIDER, 1990, p. 140).

Conforme Barthes (1973) in Serafini: “O que eu aprecio, num relato, não é pois diretamente o seu conteúdo, nem mesmo sua estrutura, mas antes as esfoladuras que imponho ao bel envoltório: corro, salto, ergo a cabeça, torno a mergulhar”(p. 18). Para Serafini, Barthes nos aponta a possibilidade da leitura ser pensada como corte, como quebra do escrito. Logo, a autora ressalta: “o leitor teria um posição ativa de entrar e sair do texto, de modificá-lo, de (re)escrevê-lo (p.45).” Enfim, uma leitura sempre é uma nova escritura. Embora, a leitura gere um corte no escrito a fim de escrever o sentido do leitor, os textos de Dália necessitavam de uma construção

por parte do leitor, uma vez que, o sentido lançado pela autora podia ser encontrado em sua fala. Uma fala que podia ser lida, e que auxiliava nesta significação.

Serafini afirma que quando alguém lê está tomando uma posição em relação ao texto. E Barthes (1996) in Serafini, considera o texto como um volume de marcas em deslocamento, um trabalho e um jogo, convocando o leitor a produzir significação. Contudo a produção de sentido como se refere a autora, passa pela necessidade de apropriação do texto pelo leitor, que irá imprimir a sua singularidade no ato de leitura (p.45).

Os aspectos que envolvem o ato de ler e o fazer da psicopedagogia merecem atenção uma vez que, este ato se baseará num campo teórico no qual este profissional assumirá. Teoricamente a graduação em Psicopedagogia, sendo esta minha base, proporcionou-me transitar em diferentes “psicopedagogias”. Uma mais ocupada com a produção do conhecimento, tendo esta um cunho cognitivista, sendo este o campo que se ocupa de entender os processos de desenvolvimento mental ou de estrutura cognitiva. Dentro deste mesmo campo posso afirmar que se desenvolve uma leitura objetiva da aprendizagem como, por exemplo: se o problema está em não escrever, trabalhar-se-á para que este sujeito escreva. Segundo Parente (2004), a Psicopedagogia Cognitivista concebe “a aprendizagem como um processo voltado para a construção do conhecimento, para o desenvolvimento da dimensão cognitiva, objetiva, lógica, cuja propriedade fundamental é a conservação do objeto” (p. 30).

O segundo campo teórico é atravessado pela psicanálise, mais especificamente por uma leitura, que se movimenta entre objetividade e a subjetividade entre conhecimento e o saber. Portanto, este campo teórico possibilitou o ato de ler a aprendizagem humana como uma forma de diferentes leituras, isto é, aproximar-me não somente daquilo que o conhecimento quer informar, mas do significado que este conhecimento produz. Para exemplificar: o trabalho no hospital com Dália este associado a suposição que fazia com as minhas leituras tanto de seus textos como do contexto do lugar; sendo este outro exemplo de escrita a ser decifrada. Sendo assim o enigma a ser decifrado associa-se a significação do leitor.

Retomando o capítulo intitulado “Prévias de um trabalho caminho de um leitor” ressalto a experiência de Calligaris em um Instituto Médico Educacional, como uma vivência relevante para ser terapeuta. Logo, a leitura realizada a partir da minha experiência vivenciada no Hospital Psiquiátrico contribuiu com minha construção tanto como leitor como psicopedagogo, suscitando a continuidade em minhas buscas e estudos relacionados; embora tenha me deparado com a idéia

de que não somente o estudo teórico é suficiente para que se compreenda a leitura que ensaiava nesta primeira experiência. O estudo teórico adquire maior importância no momento em que nos deparamos com a realidade e vivenciamos os fatos cotidianos. É quando novas buscas e estudos fazem-se necessários no sentido de buscar-se subsídios para melhor compreender o que se percebe e identifica na prática profissional. Porém apenas a busca teórica como sustentação de uma prática não se faz suficiente. Devido ao fato de que a pessoa do terapeuta é seu principal instrumento de trabalho, é necessário que este, o terapeuta, busque um espaço no qual possa realizar uma leitura acerca de si mesmo e estar desta forma mais preparado para que possa continuar construindo-se como leitor.

Conforme afirma Serafini, o leitor não fica passivo frente ao texto, e este ao ler, lê com seu próprio texto interno, uma vez que, neste ato o leitor se identifica com alguns significantes do texto e não com todos. Não somente o estudo teórico é suficiente para que se compreenda a leitura que ensaiava nesta primeira experiência.

A formação de um terapeuta, para Calligaris (2004), “tem uma peça chave: o próprio tratamento que o mesmo se submete” (p.55). Conforme o autor essa cura não pode ser uma demonstração pedagógica abstrata, não pode ser “limitada a um fazer de conta durante o qual se transmitiria uma técnica” (p. 55). Não somente o estudo teórico é suficiente para que se compreenda a leitura que ensaiava nesta primeira experiência. Enfim, que o terapeuta-leitor não confunda seu texto interno com o texto que está a ler.

Calligaris (2004) conclui dizendo que “para o terapeuta não há melhor introdução à variedade do sofrimento humano do que a descoberta de que, em algum canto de seus pensamentos, ele pode encontrar palavras, lembranças, razões, visões e pensamentos parecidos com aqueles que afetam, agitam ou mesmo enlouquecem seus pacientes” (p. 56).

Enfim, o tratamento em que se submete o terapeuta é um espaço no qual tem a possibilidade de ler-se, ou seja, reescrever seu texto interno, implicado em seu movimento de leitura. Portanto, a experiência descrita neste trabalho se ancora no meu interesse pela existência humana. Interesse que é convertido na capacidade de observar, escutar, sentir e suportar a minha ignorância frente ao texto. Sendo assim, o propósito de relacionar a leitura como construção de um leitor e de um terapeuta, se apóia nas descobertas de Freud. Mannoni (1989) descreve a descoberta de Freud no aprimoramento da técnica analítica, onde é fundamental que se deva percorrer um trajeto como paciente antes de se tornar terapeuta. Para Mannoni (1989), Freud dá

entender que “se o observador que está implicado de forma irracional na observação, isto quer dizer também que ele não poderá descobrir num outro senão o que tenha aprendido a reconhecer primeiro em si mesmo” (p.26). E, como ressalta Serafini (2006), quando lemos nos identificamos com alguns significantes do texto e não com todos, pois estes significantes permitem ao leitor reescrevê-lo, dando-o seu sentido. O constante processo de construção de um terapeuta, no caso deste estudo um psicopedagogo, consiste em tornar-se um leitor que irá se construir frente ao texto a ser lido.

4. NOVOS CAMINHOS: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ter percorrido este caminho, durante minha formação de psicopedagogo, experienciei momentos e situações os quais julgo terem sido fundantes para prosseguir a caminhada por meio dos saberes que envolvem a Psicopedagogia, uma vez que o que possibilitou tais aprendizagens foi o movimento de ocupar um lugar de leitor. O ambiente deste estudo por si só já exigia uma leitura diferenciada. Os sujeitos que ali se encontravam, os pacientes, necessitavam de um olhar e de uma escuta de alguém que pudesse conferir sentido à seus pensamentos. Estes pacientes necessitavam inclusive desta leitura por parte de um profissional que fosse capaz de proporcionar um lugar no qual as falas destes fossem acolhidas numa busca de sentido.

Devido ao interesse de compreender o lugar e os sujeitos que ali se encontravam, tudo que foi sendo produzido por eles foi sendo guardado em uma pasta, na qual guardo também as histórias que ouvi, as situações que vivenciei e muitas lembranças que considero importantes para minha formação.

Este trabalho teve como objetivo a reflexão acerca dos aspectos relacionados a leitura de textos enigmáticos, bem como da construção do terapeuta como leitor. Este momento de formação em um curso de especialização em Educação Especial e Processos Inclusivos, permitiu-me lançar meu olhar de inquietude e muitas vezes de ignorante frente à realidade do hospital, o que se assemelha com as situações com as quais me deparo de inclusão dos alunos no ensino regular, onde se faz necessário aprender a ler o sujeito em questão, sua família e sua escola, além de ler a mim mesmo para que essa caminhada, como agente da inclusão, se dê de forma adequada. Neste trabalho foram explorado a leitura foi como necessidade de compreensão, a criação do leitor como sendo o envolvimento entre leitor e escrito, e a leitura como uma nova escrita.

A partir dos encontros com os pacientes desta unidade psiquiátrica e em especial com Dália – sujeito que produzia muitos textos, os quais me levaram em busca de um caminho que havia de percorrer para construir-me como leitor. Caminho este que só ocorrera por meio da minha leitura. Os textos de Dália, apesar de serem de difícil compreensão, chamaram-me a atenção pelo estranhamento que em mim despertavam. Os encontros com Dália ocorreram na maioria das vezes na sala de criatividade, onde utilizava recursos simples (como lápis e papel). Os materiais foram a forma que encontrei para que pudesse me aproximar um pouco da realidade

tanto de Dália como das demais pacientes. Para mim esta mesma sala poderia ser denominada “sala de leitura” pelo fato de proporcionar ricos momentos nos quais, através das produções das pacientes, era possível realizar muitas leituras em especial dos textos de Dália, os quais podia ler e reler.

A leitura de seus textos exigia um certo esforço para a busca de uma compreensão, ou seja, esta leitura tornou-se para mim um enigma a ser descoberto. Estas situações contribuíram para o desenvolvimento de minha capacidade de ler/escutar, de diferentes maneiras, sendo que os escritos de Dália foram uma forma de aprender a escutá-la.

A Psicopedagogia, a pesquisa e a leitura tem em comum a fonte de sua ação, sendo ela a curiosidade e compreensão de um fato, ou como nos coloca Manguel (1997), lemos para compreender, ou para começar a compreender, portanto, a leitura faz parte da necessidade humana de compreensão, de descobrir os enigmas da existência. A função da bússola citada por Serafini (2006), lembra-nos como instrumento para sabermos quem somos e para onde vamos. A leitura ao longo deste trabalho foi colocada como uma relação a dois, isto é, leitor e texto (autor), sendo que o primeiro constrói um sentido a partir do segundo. Portanto, ao ler reescrevemos um texto na medida em que atribuímos sentido a ele, indo ao encontro da criação do leitor ao envolver-se com o texto. Logo, o leitor imprime sua presença no texto, participa ativamente durante o processo da leitura fazendo lacunas, reescrevendo. Minha presença enquanto leitor foi a de buscar sentidos para as palavras escritas, bem como compreender aspectos referentes à vida de Dália. O leitor lerá com a sua subjetividade, com seu repertório textual, o que lhe permitirá produzir sentidos e interpretações. Enfim, uma leitura é sempre é uma nova escritura.

Esta minha experiência foi importante para que viesse a prosseguir meus estudos na área da Psicopedagogia, uma vez que, neste trabalho pude contribuir para com os sujeitos em questão por meio do olhar e da escuta provenientes da Psicopedagogia. Venho a partir deste estudo apresentar o fazer psicopedagógico como um processo de construção de leitura frente a necessidade do ambiente. Ambiente no qual faz-se necessária a capacidade de ouvir durante significativas horas falas desconectadas, ver comportamentos bizarros, dentre outras situações próprias a uma unidade psiquiátrica; requerendo, portanto, de um profissional com sensibilidade e disponibilidade para tal. Calligaris (2004) descreve quatro características que gostaria de encontrar em um terapeuta:

Primeiro, que esta pessoa tenha um gosto pela palavra e um carinho espontâneo pelas pessoas, por diferentes que sejam de você. [...] Segundo, uma extrema curiosidade pela

variedade da experiência humana, com um mínimo de preconceito. [...] Terceiro, além da variedade de experiência humana, que tivesse uma certa bagagem como paciente, para que este encontre os mesmos desvios pelos quais ao menos uma parte de nossa mente não se tenha engajado em algum momento. [...] Quarto, uma boa dose de sofrimento psíquico, pois o terapeuta deve, ele mesmo ser paciente durante um bom tempo (p.17).

Apesar de “perfil profissional” não ser a expressão mais adequada a meu ver devido ao fato de resumir a complexidade humana, Calligaris (2004) retrata questões que associam-se a esta minha experiência de leitura como construção de um psicopedagogo-leitor, pois, a leitura suscitava uma aposta nas palavras, apesar da estranheza que geravam em mim. A necessidade de ler para compreender a experiência humana no Hospital Psiquiátrico oportunizou-me a construção, por meio da leitura, de tornar-me um psicopedagogo-leitor. Como foi visto ao longo deste trabalho a leitura não é apenas uma decodificação de um sistema no qual é apreendida pela visão, mas sim de que forma as letras chegam e são processadas em nosso laboratório interno. Enfim, não apenas lê-se um texto, mas a ele é dado um significado.

Portanto, este trabalho ousou descrever uma experiência na qual foi percorrido um caminho sem saber para onde iria levar e que outros caminhos estariam em jogo, que possibilitou uma reflexão para um leitor em desenvolvimento o qual embasado na teoria, neste caso de uma Psicopedagogia atravessada pela Psicanálise, e de uma leitura do próprio texto interno do leitor, como uma outra experiência a ser percorrida. Enfim, como nos diz Manguel (1997) “todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos para compreender, ou para começar a compreender” (p.20).

REFERÊNCIAS

- BIRMAN, Joel. **A Escritura nos Destinos da Psicanálise**. Pulsional: boletim de novidades, São Paulo, n. 76, p. 7-19, ago 1995.
- BRUM, Ronaldo M. **Estudos sobre a loucura**. Porto Alegre: edita, 2002.
- CALLIGARIS, Contardo. **Cartas a um jovem terapeuta**. São Paulo: campus, 2007.
- FERNANDEZ, Alicia. **Inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: ARTMED, 1999.
- MANGUEL, Alberto. **Uma História da Leitura**. São Paulo: Companhia da Letras 1997.
- MANNONI, Maud. **Um saber que não sabe: a experiência analítica**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.
- PAÍN, Sara. **A função da Ignorância**. Porto Alegre: ARTMED, 1999.
- PARENTE, Sonia. **Pelos caminhos da Ignorância e do Conhecimento**. 2000.
- RAMOS, Maria Beatriz. **Bacharelado em Psicopedagogia** In: Revista: Educação/ FAGED-PPG da PUCRS. Vol. 29, n. 1(2006)- Porto Alegre: Edipucrs, 2006.
- SERAFINI, Giovana. **Da Tecitura do Texto à Construção do Leitor: reflexões sobre o trabalho com as letras**. Dissertação- UFRGS Programa de Pós-Graduação em Educação, 2006, Porto Alegre, BR-RS.(2006)